

Atingi a Avenida, onde me dava ao luxo de pales-
trar sobre ciência e literatura. E ali mesmo, junto
ao aristocrático café, divisei alguém que não me
era estranho às relações individuais. Não tive difi-
culdades no reconhecimento. Era o Elpídio, inte-
gralmente transformado, evidenciando nobre posi-
ção espiritual, trocando ideias com outras entidades
da vida superior. Não mais os sapatos velhos, nem
o rosto suarento, mas singular aprumo, aliado a
expressão simpática e bela, cheia de bondade e com-
preensão.

Aproximei-me, envergonhado. Quis dizer qual-
quer coisa que me revelasse a angústia, mas, obe-
decendo a impulso que eu jamais soube explicar,
apenas pude repetir as antigas palavras dele:

— “Olá, meu irmão! Meus parabens!”

Longe, todavia, de imitar-me o gesto grosseiro
e tolo de outro tempo, o generoso tintureiro de Ja-
carépaguá abriu-me os braços, contente, e exclamou
com sincera alegria:

— O' meu amigo! que satisfação! Venha dai,
vou conduzi-lo ao seu filho!

Aquela bondade espontânea, aquele fraternal
esquecimento de minha falta eram por demais elo-
quentes e não pude evitar as lágrimas copiosas!...

Nossa pequena assembleia de desencarnados
achava-se igualmente comovida. Cipriano calou-se,
enxugou os olhos húmidos e terminou:

— A experiência parece demasiadamente hu-
milde, entretanto, para mim, representou lição das
mais expressivas. Através dela, fiquei sabendo que
a afabilidade é mais que um dever social, é alguma
coisa de Deus que não subtrairemos ao próximo,
sem prejudicar a nós mesmos.

XLI

A TAREFA RECUSADA

Atanásio, o devotado orientador espiritual de
grande grupo doutrinário, admitido à presença de
nobre mentor dos planos elevados, explicou-se, co-
movido:

— Nobre amigo, venho até aqui solicitar-vos
providência inadiável.

— Diga, irmão — respondeu carinhoso o inter-
pelado —, a Bondade Divina nunca nos faltará com
recursos necessários aos serviços justos.

— E' que o nosso grupo na esfera do Globo
— esclareceu o mensageiro, evidenciando sublimes
esperanças — precisa estabelecer tarefa curativa,
com a cooperação dos companheiros encarnados.
Nossos trabalhos são visitados diariamente por enor-
mes fileiras de criaturas necessitadas de amor e
consolação. Como não ignorais, generoso amigo, há
na Terra corações esterilizados pelo sofrimento, es-
píritos endurecidos pelas desilusões, almas cristali-
zadas na amargura... Permiti-me integrar alguns
dos irmãos na posse dos bens de curar. Semelhante
concessão seria motivo de enorme contentamento
entre os operários espirituais da casa de serviço
confiada ao meu coração.

A entidade superior refletiu alguns instantes
e considerou:

— A tarefa, tal qual você a solicita, não pode
dispensar a contribuição de cooperadores humanos.
E dispõe você de auxiliares dispostos às dificulda-
des e tropeços do princípio e sinceramente interes-
sados em servir o Senhor, na atividade de assis-
tência aos que padecem?

Atanásio deixou perceber enorme confiança a lhe vibrar nos olhos muito lúcidos e sentenciou:

— Oh!!! temos numerosos cooperadores, dos quais devo esperar a melhor compreensão. É incrível não se rejubilem todos com dádiva tão honrosa! Entenderão o sagrado objetivo, colocando sobre todas as atividades os divinos interesses do Senhor.

— Pois bem, aceitando-lhe as afirmativas, não tenho qualquer objeção aos seus bons desejos.

E, num gesto significativo, o nobre mentor determinou que se lhe apresentassem dois companheiros de trabalho.

Dirigindo-se a ambos, observou generosamente:

— Abel e Jonas, ficam vocês incumbidos de se encaminharem à Terra, junto a Atanásio, na qualidade de portadores dos recursos necessários ao estabelecimento de tarefa curativa no grupo doutrinário que lhe recebe a orientação. Como responsável pela providência, indicará ele quais os irmãos a quem se deverão entregar as dádivas do nosso plano.

Após ligeira confabulação afetuosa, voltou o orientador esperançoso e otimista, em companhia de ambos os embaixadores das novas bênçãos.

Chegados ao grupo terrestre, desdobravam-se os serviços de uma das sessões semanais. Ao término dos trabalhos, o velho Augusto Pena, que dirigia a assembleia, comentou sob a inspiração direta do condutor espiritual da casa:

— Meus amigos, findas as preleções evangélicas, cumpre-me recordar a necessidade premente de instituirmos serviços de assistência fraternal, em nossa tenda de atividades espirituais. Em vista de trazer o Senhor tantos famintos, enfermos e aflitos às nossas portas, creio chegado o instante de multiplicarmos energias por atender ao trabalho justo de socorro imediato àqueles que o Mestre nos envia. Entretanto, neste particular, não temos organizações mediúnicas definidas. Esta realidade, porém, não nos exime da obrigação de entender as sagra-

das palavras "batei e abrir-se-vos-á". Necessitamos, por nossa vez, bater à porta da realização, não com impertinência, mas com o sincero desejo de atender aos propósitos divinos. Não devemos tentar a colheita de fruto que não amadureceu; mas, devemos adubar a árvore, proteger-lhe as flores e oferecer-lhe condições adequadas à frutificação. Estou certo de que as faculdades curadoras não chegarão milagrosamente; contudo, precisamos começar nosso esforço, oferecendo sentimentos e possibilidades ao Senhor Jesus. Se é verdade que ainda não dispomos de elementos para subtrair a inquietação ao afliito ou a doença ao enfermo, é possível, pelo menos, amá-los e ajudá-los. Uma faculdade superior é a síntese de grande conjunto de experiências e note-se que me refiro à faculdade superior, portanto, no terreno comum, as faculdades naturais pertencem a todos. Ora, um médico de valor não se forma em alguns dias e é indispensável recordar que o Senhor nos concedeu na Terra não só uma esfera de purificação, mas também vasta universalidade de trabalho, onde toda criatura pode preparar-se para o Mais Alto, desde que não desdenhe a luz da boa vontade.

Depois de longa pausa, na qual observava o efeito de suas palavras, o orientador concluiu:

— Desejaria, pois, conhecer quais os companheiros que estarão dispostos a iniciar semelhante serviço. O trabalho constará de aproximação afetuosa, aqui no grupo, de todos os doentes ou necessitados, no sentido de se lhes proporcionar o conforto possível. Distribuiremos passes magnéticos, remédios, água fluidificada e, sobretudo, conversações sadias. Creio que a palestra sã, inspirada em Jesus, pode ser muito mais eficaz nos enfermos do que a própria medicação. Esses trabalhos, porém, deverão ser ininterruptos. Precisamos de companheiros que perseverem no bem, sem ideia de vantagens, consolações próprias ou recompensas individuais. Convencido estou de que a Celestial Bondade virá ao encontro dos que insistirem fielmente

nas obras do amor, coroando-lhes o espírito de serviço com os mais sublimes patrimônios para a eternidade.

Silêncio inesperado seguiu-se ao apelo do orador. Necessitando sondar o ânimo da assembleia, o velhinho começou a interrogar individualmente:

— A senhora, D. Joaquina, que me diz?

A interpelada exibiu sorriso vago e respondeu:

— Ora, Sr. Pena, quem sou eu? Não presto para coisa alguma.

O doutrinador fez um gesto de resignação e continuou:

— Qual a sua opinião, Sr. Tavares?

Mas o Sr. Tavares, fazendo desagradável círantonha, explicou-se, sem preâmbulos:

— Sou um miserável, meu amigo, sou indigno e nem mereço a atenção da pergunta.

— Como interpreta o plano de serviço, Sr. Ferreira? — inquiriu Pena a outro amigo.

— Sou um desgraçado pecador — replicou o interpelado —, não tenho qualidades para pensar nisto.

O velhinho prosseguiu, sem desânimo:

— E a senhora, D. Bonifácia?

— Eu? eu? — exclamou aflita uma velhota que se mantinha em funda concentração — não posso, não posso... Sou uma ré de outras existências, minhas misérias são intermináveis...

— Sr. Antonino — continuou o velho, paciente —, que me fala do projeto exposto?

— Sou muito imperfeito, sou um criminoso! — respondeu Antonino, amedrontado —, sou indigno de assistir alguém em nome de Jesus.

E, no mesmo diapasão, não houve ali quem aceitasse a incumbência espiritual. Alguns estavam ocupados com o trabalho, outros com a família. A maioria declarava-se miserável. Ninguém possuía dez minutos por dia, nem um centímetro de bondade para o serviço proposto. Todos se afirmavam absorvidos por preocupações ou totalmente indignos.

O doutrinador decepcionado encerrou o assunto, prometendo voltar ao caso em breves dias.

Na esfera invisível, todavia, o quadro era mais comovente. Enquanto Abel e Jonas sorriam, Atanásio fazia o possível por dissimular as lágrimas.

— Como vemos — disse Abel ao orientador, com grande bondade —, parece que a casa ainda não se encontra disposta a receber a tarefa. Todos os componentes se declararam ocupados, miseráveis, imperfeitos ou criminosos.

— Sim, sim — tentou Atanásio, triste —, meus companheiros, por vezes, são demasiadamente humildes...

Nesse instante, porém, fêz-se visível, entre os três, a nobre figura do benfeitor espiritual que determinara a concessão, exclamando:

— Não sofra, meu caro Atanásio; mas, também não fuja à verdade dos fatos. Seus tutelados são fracos, porém não humildes. Onde está a humildade, há disposição para servir fielmente a Jesus. O verdadeiro humilde, embora conheça a insuficiência própria, declara-se escravo da vontade do Senhor, para atender-lhe aos sublimes desígnios, seja onde for. Aqui, como acontece na maioria das instituições terrestres, todos querem colher, mas não desejam semear. Gozam direitos e regalias; no entanto, fogem a deveres e eximem-se a qualquer compromisso mais sério. E por exibirem títulos falsos, antes de conhecerem as responsabilidades e os esforços que lhes são consequentes, terminam sempre as lutas pessoais entre sombra e confusão!...

Vendo que Atanásio chorava, mais comovedoramente, o elevado mentor concluiu:

— Não se inquiete, contudo, desse modo, meu caro amigo. Por termos sido frágeis, ignorantes ou piores no passado, o Mestre Divino nunca nos abandonou. As afirmativas de seus tutelados não são filhas da humildade, nem demonstram firmeza de conhecimento de si mesmos; mas, enquanto a tarefa permanece adiada por eles, continuemos trabalhando.